

# Prof. G. Edward Schuh, um amigo do Brasil

Eliseu Alves<sup>1</sup>

Completo-se o ciclo de desenvolvimento de nossa agricultura: um número expressivo de agricultores pratica a agricultura moderna, dentro de conceitos de preservação do meio ambiente; a indústria que processa alimentos e produz insumos está bem estabelecida; e a agricultura se integrou ao mercado internacional, fortemente o influencia e é também por ele influenciada.

Os benefícios da integração ao mercado internacional são incontáveis. Vendemos num mercado muito ampliado, que se soma ao poderoso mercado interno. Assim, podemos dispor, a preços mais compensadores, do enorme excedente que nossa agricultura, hoje baseada na ciência e na tecnologia, gera em alimentos, fibras e bioenergéticos; participamos ativamente do fantástico mercado de capital e de informação global, o qual inclui a ciência e a tecnologia, e, por isso, as decisões de nossos agricultores e empreendedores são mais bem fundamentadas, numa visão que casa o curto com o longo prazo e os interesses brasileiros com os da comunidade internacional; aprendemos a competir nos quatro cantos da terra: a negociar, a escrever contratos, a honrá-los e a acionar a justiça internacional; o mercado internacional permitiu a expansão da produção, atenuando a queda de preços em evolução nas commodities agrícolas, com amplos benefícios para os trabalhadores do campo e das cidades; ainda, o excedente agrícola permite honrar nossa dívida externa e reduzi-la para níveis folgadoamente compatíveis com o volume exportado

e, com isso, criou-se enorme espaço de manobra que viabiliza o ajuste macroeconômico, com menos sofrimentos para os brasileiros. Em síntese, evoluímos de uma visão míope, que somente enxergava o mercado doméstico, para aquela universal, na qual somos importantes *players* no mundo dos negócios e nas relações internacionais, que abrangem a política e o comércio.

A integração tem muito a caminhar no plano interno: o Nordeste se atrasou na modernização da agricultura e nas exportações, mas se recupera rapidamente nas áreas irrigadas e em importantes pólos produtores de grãos. Milhões de agricultores familiares só recentemente se beneficiam de políticas que os integram aos mercados interno e externo e à moderna agricultura. Os investimentos em ciências, em fase de recuperação, estão defasados em relação às necessidades que os mercados externos e internos impõem à agricultura para que ela se mantenha como importante *player*. O próprio sucesso das exportações, num regime de câmbio livre e de taxas de juros elevadas, aliado à queda expressiva do dólar, tem apreciado o valor do real, em relação ao dólar, o que tende a limitar o crescimento das exportações para os Estados Unidos, principalmente. Mas, o caminho não é optar por outro regime cambial, mas continuar aumentando a produtividade e, nos foros apropriados, endurecer na luta contra os subsídios que os países ricos dão à sua agricultura.

<sup>1</sup> Eliseu Alves é assessor do Diretor-Presidente e pesquisador da Embrapa.

No plano internacional, reconhece-se que o comércio ainda padece de muitas iniquidades, embora tenha contribuído para reduzir as disparidades entre países, veja os casos da Índia e da China, muito ainda tem a caminhar nessa direção. Não existem instituições, apoiadas pelos países, para dirimir conflitos e mesmo para financiar as transações dos países pobres.

De 1º a 3 de maio de 2007, realizou-se na Universidade de Minnesota (Estados Unidos), um seminário que homenageou o professor G. Edward Schuh, na ocasião de sua aposentadoria. Seis brasileiros, seus ex-alunos, apresentaram trabalhos, especialmente escritos para a reunião, abordando temas ligados ao comércio internacional, crédito rural, relação de troca e financiamento de pesquisa. Além dos brasileiros, professores famosos e alunos do professor G. Edward Schuh, de outros países, também prestaram-lhe tributo com a apresentação de trabalhos, ressaltando sua luta pelo crescimento do comércio internacional, com mais justiça, e contra as políticas macroeconômicas dos países ricos que distorcem o comércio e impedem que o mundo tenha taxas de crescimento econômico mais elevadas.

O professor G. Edward Schuh é casado com brasileira, vem trabalhando com brasileiros e no Brasil, teve um papel importante no desenvolvimento da Embrapa, dos cursos de pós-graduação da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq) e

no treinamento de vários brasileiros. A economia rural e a Sociedade Brasileira de Economia Rural (Sober), da qual é membro legendário, muito lhe devem. Recebeu do governo brasileiro a Medalha do Mérito Científico, no grau Grã-Cruz, é professor-regente da Universidade de Minnesota, nos Estados Unidos, uma honraria para toda a vida e que poucos alcançaram. Como pesquisador, dedicou-se ao estudo do mercado de trabalho, do impacto da pesquisa e dos investimentos em educação no desenvolvimento econômico. Nos últimos 20 anos, focaliza o mercado internacional, com uma visão que alia a economia institucional e neoclássica, e procura entender seu papel no progresso das nações, como tem influenciado o aperfeiçoamento das políticas macroeconômicas e porque ele é bem-sucedido, e também porque tem falhado em reduzir as disparidades entre ricos e pobres.

Persistentemente, em videoconferências, conferências, aulas, artigos para revistas especializadas e jornais, na comunidade acadêmica e entre os políticos, na América Latina, Ásia e África, em países desenvolvidos e pobres, o professor G. Edward Schuh tem demonstrado as virtudes do comércio internacional e mostrado o Brasil como um caso de sucesso, reafirmando o acerto dos investimentos em pesquisa agrícola e da política macroeconômica. Poucos sabem, como ele, aliar na exposição de idéias, o rigor com um grande poder de comunicação.